

REINVENÇÕES:
a trajetória de Monica
Martinez

REINVENTIONS:
the trajectory of Monica
Martinez

REINVENCIÓN:
la trayectoria de Monica
Martínez

Diogo Azoubel^{1, 2, 3}

RESUMO

Jornalista, pesquisadora, professora, mãe, poetisa, entusiasta, plural... Não, este não é um artigo científico “comum”, trata-se do perfil de uma das acadêmicas mais atuantes no Jornalismo Literário brasileiro e mundial. Construído à luz da escuta ativa como método a partir do diálogo – pessoalmente ou mediado – com rede de depoentes multifacetada, o texto contém pistas sobre a trajetória de Monica Martinez, que encabeça a formação de um corpo de pesquisadores nacionais oxigenado, bem como fortalece a constituição – por meio de parcerias, orientações e interfaces – do campo Brasil adentro e afora. Mais do que a transposição de dados do Lattes, as seções que seguem podem funcionar como exercício de leitura crítica mesmo sobre o fazer científico nacional.

¹ Doutorando pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (COS – PU-SP). Professor da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (Seduc-MA). E-mail: diogoazoubel@gmail.com. ORCID número: 0000-0002-2839-5011.

² Este perfil jamais poderia ser efetivado sem o olhar poético e sem o apoio de Míriam Cristina Carlos Silva, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), à qual registro minha gratidão. Aos melhores leitores beta dessa existência, Leila Kelly Gualandi e Vinícius Silva, um efusivo amplexo na certeza de que, com a ajuda de ambos, mais textos de Jornalismo Literário virão.

³ Endereço de contato do autor (por correio): Rua 43, quadra 61, casa 11. Bequimão. Cep: 65.062-390, São Luís – MA, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Pesquisadores; Monica Martinez.

ABSTRACT

No, this is not a "common" scientific article, it is the profile of one of the most active academics in Brazilian and world literary journalism. Constructed in the light of active listening as a method from the dialogue - personally or mediated - with a multifaceted network of deponents, the text contains clues about the trajectory of Monica Martinez, who heads the formation of a body of national researchers oxygenated, as well as strengthens the constitution - through partnerships, guidelines and interfaces - of the Brazil in and beyond field. More than transposing data from Lattes, the sections that follow can work as a critical reading exercise even on the national scientific making.

KEYWORDS: Literary Journalism; Researchers; Monica Martinez.

RESUMEN

... no, este no es un artículo científico "común", se trata del perfil de una de las académicas más actúantes en el Periodismo Literario brasileño y mundial. El texto contiene pistas sobre la trayectoria de Monica Martínez, que encabeza la formación de un cuerpo de investigadores nacionales oxigenados, así como fortalece a la luz de la escucha activa como método a partir del diálogo - personal o mediado- con red de pacientes multifacética, - constitución - por medio de alianzas, orientaciones e interfaces - del campo Brasil adentro y afuera. Más que la transposición de datos del Lattes, las secciones que siguen pueden funcionar como ejercicio de lectura crítica incluso sobre el hacer científico nacional.

PALABRAS CLAVE: Literary Journalism; Los investigadores; Monica Martínez.

Recebido em: 15.04.2018. Aceito em: 16.07.2018. Publicado em: 08.10.2018.

"Nós voltaremos, e vamos trazer o que procuramos!"
Coronel Percy Fawcett, em *Z: a cidade perdida: a
obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do
Eldorado brasileiro*, de David Grann.

Muito mais do que um nariz de cera

A oportunidade de perfilar a professora Monica Martinez para este dossiê apresenta-se como caminho possível para difusão de parte, ainda que mínima, dos saberes que por ela vêm sendo discutidos, dentro e fora do âmbito acadêmico e não apenas nas salas de aula da vida, sobre o Jornalismo Literário. Seja em diálogo e/ou coautorias com alunos e colegas, essa pesquisadora responde por parte expressiva da produção nacional de conhecimento científico sobre o assunto na mesma medida em que tem investido fortemente na colaboração internacional (notadamente com os Estados Unidos e com a França, como registrado adiante) a fim de fortalecer o campo. Conforme consta no seu currículo na Plataforma Lattes, ela publicou, até abril de 2018, 14 livros, sendo seis como autora principal, quatro como coautora e quatro como organizadora; 31 capítulos de livros (entre coletâneas e compilações); e 45 artigos completos em periódicos científicos⁴.

Mais do que a simples transposição de dados do currículo, este perfil apresentou-se como um imponente desafio diante da vivência acadêmica significativa compartilhada com a pesquisadora perfilada. Tendo isso em mente, optou-se por caminhar pela narrativa como método a partir do exercício da escuta ativa, o que nos permitiu em alguma medida o afastamento requerido

⁴ Sistemáticamente abordados em artigo em efetivação como forma de mapear sua produção intelectual recente.

ao pesquisador do seu objeto para efetivação de textos científicos no atual paradigma comunicacional.

Igualmente, sendo este um perfil construído à luz do Jornalismo Literário, pareceu clara a dupla responsabilidade acumulada: arquitetar uma reflexão ao mesmo tempo fluente e profunda, palatável e marcante sobre os cenários nos quais Martinez vem sendo formada e formando recursos humanos para atuar na área, Brasil adentro e afora.

Isso posto e sem qualquer fórmula predeterminada, foi-se a campo ouvir a rede de depoentes estabelecida em articulação prévia de maneira a contemplar a pluralidade da produção da pesquisadora, como julgou-se àquela altura, bem como o aspecto humano de sua atuação e convívio. A partir da conversação com seus colegas, mestres, amigos e filha foi possível estabelecer um ponto de partida para mínima compreensão de sua natureza complexa e capilarizada (em uma alusão ao sistema nervoso central dos seres humanos), particularmente no que toca aos seus interesses de pesquisa, o que incluiu a justaposição de novos depoentes ao trabalho conforme o processo se desenrolava.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente ou por e-mail, quando não foi possível conciliar horários nas agendas de alguns depoentes. Nem todos, entretanto, puderam nos responder em tempo hábil, o que é perfeitamente compreensível, haja vista que grande parte deles atua nas academias da vida (e, sim, isso significa estar, quase sempre, assoberbado de textos para ler/refletir/escrever/(re)adequar, inclusive nos fins de semana e feriados). Nessa direção, optou-se por ampliar as tentativas de contato às mídias sociais o que, no caso específico dos professores Alex Criado e Ana Taís Martins Portanova Barros, foi decisivo para obter informações preciosas. Em relação às datas, e para evitar equívocos, foi adotado o sistema de checagem das pistas dadas nos

depoimentos com os dados inseridos pela própria perfilada na Plataforma Lattes.

Essas pistas são, aliás, bastante interessantes para uma posterior ampliação do trabalho agora apresentado, haja vista a efervescência de seus projetos e colaborações, dentro e fora do Brasil, e o fortalecimento de uma rede de pesquisadores em Jornalismo Literário no País, oxigenada e disposta aos desafios que se apresentam.

Mas quem é, afinal, Monica Martinez?

Antes de se iniciar os contatos com os depoentes julgou-se adequado conversar com a professora Monica Martinez. Naquela ocasião, 19 de janeiro de 2018, às 21h, foi agendada uma hora no seu consultório na Vila Madalena – bairro da Capital paulista – para dividir xícaras de chá, alguns pães de queijo, chocolates, memórias e estórias. Ali ficou clara a magnitude deste dossiê. Ora, não se tratam dos perfis como os conhecemos nas páginas de alguns periódicos impressos – tinha-se nas mãos a provocação de gestar o perfil de uma das pensadoras contemporâneas do Jornalismo Literário como campo.

Em pouco mais de duas horas naquela noite parcialmente quente de verão paulistano, falamos sobre a sua formação familiar, os primeiros passos no Jornalismo, a formação acadêmica como investigadora e a convergência de fatos que a tornam uma das pessoas mais automotivadas que se conhece⁵.

Natural de São Caetano do Sul (SP) e criada em São Bernardo do Campo (SP), Monica Martinez é a primeira dos três filhos dos aposentados Léo e

⁵ Neste ponto, peço licença a você, leitora/leitor, para tentar driblar os ideais de (pseudo) objetividade e imparcialidade, tão caros à pesquisa cientificamente estruturada e mesmo ao Jornalismo. Justifico esse posicionamento diante do fato de que, a mim, neste momento, seria impossível perfilar pensador ou pensadora qualquer que fosse e de campo diverso em profundidade sem o mínimo de envolvimento e admiração.

Claudete e a única que enveredou pelo Jornalismo (Rogério Martinez é administrador e Glauco Martinez advogado) e também pelo universo científico investigativo (conforme abordado na seção *Em Família*). Foi criada na tradição ítalo-brasileira, em que a vida se desenrola à mesa a partir das relações familiares temperadas com narrativas.

Sempre estudou em colégios públicos, primeiro o Sesi 384, em São Bernardo do Campo, em que o professor de Português Mario Rúbio colocou a pedra fundamental no seu amor pelo idioma. Dele se lembra a estatura baixa, o sorriso largo de dentes perfeitos, o avental branco impecável que usava nas aulas, o entusiasmo para ensinar os truques da língua por meio de memorizações simples. Já os esforços do eficiente professor de Matemática, o calado Feliciano, não a salvaram de continuar lutando até hoje na época de prestação de contas com os relatórios de pesquisa acadêmicos...

Autodidata, foi uma leitora voraz graças ao incentivo da mãe. Até o Ensino Médio, retirava na Biblioteca Malba Tahan, no Rudge Ramos, também em São Bernardo do Campo, exemplares de literatura brasileira como *O escaravelho do diabo*, de Lúcia Machado de Almeida, da inovadora coleção infanto-juvenil *Vaga-Lume*, da Editora Ática. E, como em uma daquelas obras, o idealizador da coleção, Jiro Takahaji, viria a ser o editor de seu primeiro romance, *Professor de Ilusões* (Rocco, 2012).

Já a coleção da Abril Cultural vendida nas bancas de jornais nos anos de 1990, com títulos de Ernest Hemingway, William Falkner, Harper Lee – que ajudaria Truman Capote na apuração do clássico *A Sangue Frio* –, viria a ser essencial para despertar seu amor pela literatura estadunidense. “Apesar das mudanças de casa, nunca consegui me desfazer dessa coleção, pelo que ela significa para mim”.

No Ensino Médio, cursou secretariado no Colégio Alcina Dantas Feijão, de São Caetano do Sul – o que mais tarde a levou a admirar Gay Talese pelo método de arquivar todo o material referente a cada reportagem que já trabalhou. Aos 16 anos de idade, foi selecionada para trabalhar como secretária bilíngue trainee da Ford Brasil, em São Bernardo do Campo. Revelou como as alunas, exaustas de trabalhar das 8h às 17h, se dividiam em grupos para acompanhar as aulas. Durante a noite metade delas dormia no fundo da sala, enquanto a outra metade acompanhava as aulas para compartilhar com o outro grupo, e vice-versa. Dessa época, guardou a eficiência e a objetividade que marca as corporações estadunidenses.

Sobre o esforço que a brasileira e o brasileiro médio têm de fazer para conseguir se tornarem bons profissionais em qualquer área, guardou a gratidão pela oportunidade do contato diário fundamental para separar, mais tarde, a visão ideológica daquela potência mundial do lado humano, em grande parte formado pelos trabalhadores imigrantes de vida dura, como os chefes indiano e chinês que teve na Ford.

Foi com bolsa de estudos da mesma multinacional estadunidense no Brasil, que respondia por 70% das mensalidades da faculdade para os funcionários, que cursou a habilitação de Jornalismo no curso de Comunicação Social da Universidade Metodista (Umesp), em que entrou na primeira lista, em 1984. Em relação ao vestibular, lembrou-se de ter comprado um guia da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) e de analisar os cursos de Jornalismo e de Letras; escolheu o primeiro por lhe parecer mais contemporâneo, “mas hoje sei que o que faço é uma mescla de ambos”.

Formada jornalista em 1987, começou a fazer *freelancers* para a revista Manchete Rural e, um ano depois, abriu mão do emprego bem remunerado da Ford para ingressar categoricamente na profissão.

Foi bem difícil a escolha, até porque quando fui pedir demissão me ofereceram um posto de trabalho diferenciado como analista de importação, que seria um desafio profissional novo. O apoio da família foi fundamental para me sentir segura e seguir fazendo o que, no fundo, sempre amei fazer: escrever (MARTINEZ, 2018, s.p.).

Um ano depois, foi contratada como repórter, mudou-se para a Capital do Estado para trabalhar na sucursal da Bloch Editores (do Grupo Bloch, proprietária da extinta Rede Manchete), em que permaneceu de 1988 a 1992. Ali, atuou como repórter em período integral nas revistas *Manchete* (de julho de 1988 a junho de 1990), como repórter de variedades, medicina e comportamento; e *Manchete Rural* (de junho de 1990 a agosto de 1992), em que era responsável pela cobertura do Estado. Nesse período, colaborava com outras revistas do grupo, como *Ele Ela* e para o *Caderno São Paulo* (de junho de 1988 a maio de 1989), no qual escrevia sobre a vida cultural na Cidade.

Sobre a vida na redação Monica foi categórica: “naquele momento tínhamos recursos humanos e físicos que são difíceis de se obter para a prática jornalística hoje: um carro com motorista à disposição, um fotógrafo e diárias. Acima de tudo, tínhamos liberdade para propor temas e explorá-los em profundidade” (estaria ali o gérmen da prática narrativa jornalística literária avançada?). “Uma pena apenas que não se ensinava Jornalismo Literário na graduação naqueles anos, que teria sido juntar queijo com goiabada”, brincou.

Convidada a integrar a assessoria de comunicação da Viação Aérea de São Paulo (extinta VASP) pelo professor Edvaldo Pereira Lima, que viria a ser seu orientador de doutorado, Martinez pediu demissão da Bloch Editores para atuar, de agosto de 1992 a fevereiro de 1994, como coordenadora de imprensa em regime de dedicação exclusiva. Naquele interim, fora responsável por implantar o então novo programa de planejamento estratégico de comunicação

empresarial e atuar como elo de comunicação com o público externo, área prioritária no projeto.

Junto à Vasp, Martinez maximizou contatos com a imprensa nacional e internacional, especialmente nas editorias de turismo, política e economia, com destaque para a coordenação de viagens de familiarização de produtos (*famtours*) para jornalistas e operadores de turismo. As viagens sempre foram, aliás, como ar para ela, que até hoje se lembra da primeira que fez com a família, em uma excursão fretada para Foz do Iguaçu (PR) e hospedagem no hotel, Ilha de Capri. Mais tarde, aos 18 anos de idade, começou a viajar anualmente com colegas da faculdade em excursões da empresa CVC (pagas por ela em pequenos carnês que prescindiam de um ano para serem quitados) para várias partes do País, como o Pantanal.

Depois de formada, afirmou sentir que faltava algo – estudar. Pegou um ônibus na frente da redação, na Avenida Rebouças, zona Oeste de São Paulo – SP, para a Cidade Universitária. Por algum motivo que já não se lembra mais – talvez abrir o próprio negócio, uma assessoria de imprensa – desejava estudar comunicação empresarial. Ao chegar na secretaria da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), informou-se que a referência no campo era o professor Gaudêncio Torquato. Foi à biblioteca, pesquisou o que ele havia publicado – um clássico sobre jornais empresariais – e orientada, pegou o livro *Como fazer uma tese*, de Umberto Eco, para burilar um projeto focado na abordagem das revistas empresariais da *Good Year*. Foi aprovada na seleção e, em 1989, iniciou o mestrado.

Na última disciplina que cursou, *Jornalismo Literário Avançado*, ministrada pelo professor Edvaldo Pereira Lima, conheceu o tema que daria norte à sua vida acadêmica. Chegou a conversar com seu orientador sobre o desejo de dedicar-se ao estudo das narrativas rememorou o sensato conselho

que recebeu de Torquato (“como toda a orientação valiosa aos longos dos anos de 1989 e 1994”): “conclua esse mestrado e depois comece um doutorado”.

Foi o que fez. Em 1994, pediu demissão da assessoria da Vasp e, com o dinheiro da rescisão, comprou um computador que lhe permitiria alçar novos voos. Concluiu *As Transformações do Jornalismo Empresarial Brasileiro da Década de 80 aos Dias Atuais* sob orientação do professor que, não por acaso, orientara, até 1990, Edvaldo Pereira Lima, aquele que a convidou para trabalhar na Vasp.

Dissertação entregue, defesa concluída, foi convidada para trabalhar na área de assessoria política e para voltar às redações. O amor pela reportagem falou mais alto: em 1995 passou a integrar, como editora, o time da *Revista Saúde! É Vital*, então da Editora Azul, que pouco mais tarde seria adquirida pela Abril. Nesse meio tempo, casou-se com o jornalista Alberto Jorge Luduvig, então editor de esportes do jornal *O Estado de S. Paulo* com o qual, em 1997, decidiu aumentar a família. Essa tripla caminhada, aliás, é uma das grandes marcas na trajetória de Monica Martinez que, desde os 31 anos de idade, precisou se reinventar constantemente, nas palavras dela, para dar conta dos desafios acadêmicos, profissionais e familiares com uma criança a tiracolo, Laura Louise.

Já em 1998, Martinez retornou à ECA-USP para iniciar o doutorado em Ciências da Comunicação, defendido em 2002. Sob orientação de Edvaldo Pereira Lima, a tese intitulada *A Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo* fora transformada em livro em 2008 pela Annablume Editora, com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Junto à publicação de *Jornalismo Literário: tradição e inovação* (2017), trata-se de um dos trabalhos mais importantes da sua carreira até o momento.

Estava escrito

Em entrevista concedida em 17 de abril de 2018, às 15h – uma tarde particularmente agradável, em que o sol estava semicoberto pelas nuvens de outono –, no vão da livraria da Edusp, na Cidade Universitária, Edvaldo Pereira Lima compartilhou pontos importantes para aprofundamento da compreensão da importância de pesquisadores como Monica Martinez para o campo do Jornalismo Literário.

Desde o primeiro contato por e-mail, em 10 de abril, Edvaldo se mostrou não apenas receptivo, mas verdadeiramente interessado em ajudar (e que ajuda!). Em poucos minutos o depoimento transformou-se em um bate-papo sobre a história do Jornalismo Literário como é conhecido atualmente, sobre a conjuntura nacional da segunda metade do século passado para a sua estruturação como espaço de pesquisa no Brasil e sobre os desafios para efetivar este perfil. “Deixe o texto fluir, busque pelas várias faces de um ser único que ele acontece”, alertou de pronto sobre as características narrativas que devem se fazer sentir em propostas como esta.

A grama recém-aparada dava o tom olfativo àquela espécie de aula dialógica de cerca de três horas, em que Edvaldo citou as influências do Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da ECA-USP – coordenado pela professora Cremilda Medina e com a participação dos professores Boris Kossoy e Terezinha Tagé (um verdadeiro celeiro de pensadores) – na formação de pesquisadores. “Ali nós encontramos o espaço para trabalhar o texto jornalístico literário avançado⁶”.

⁶ “Nas palavras de Martinez: “segundo Pereira Lima, o Jornalismo Literário Avançado [é uma] modalidade de prática da reportagem, da grande-reportagem e do ensaio jornalístico que combina características do Jornalismo Literário com concepções oriundas de paradigmas em

Conforme a conversa avançava pareceu clara a maneira como, organicamente, as afinidades com Martinez foram se delineando:

Àquela altura, no começo dos anos de 1990, não me recordo do Jornalismo Literário abordado com esse nome na academia; nas redações ele restava esquecido após a década de 1970, vindo de uma tradição alternativa da chamada "imprensa nanica", na qual o espírito da reportagem permanecera vivo em face do totalitarismo militar de encontro à abordagem de temas "proibidos" (PEREIRA LIMA, 2018, s.p.).

Neste ponto é *mister* abordar, ainda que rapidamente, a gênese do Jornalismo Literário como prática jornalística. Trata-se de área em configuração já desde a metade do Século XIX. Nos Estados Unidos, um de seus marcos seria a Guerra Civil (1861-1865), por meio da cobertura de escritores como Stephen Crane, autor de *Red Badge of Courage* (1894-1895). Na década de 1930, amadureceu antecipando o chamado Novo Jornalismo, de Wolfe, Mailer e Talese.

No começo dos anos de 1960, a narrativa jornalística foi renovada. Não se tratam de textos inventados. Ao contrário, são narrativas gestadas na abordagem de fatos e fenômenos tal como na rotina tradicional (pensada neste ponto como é costumeiramente estabelecida no primeiro período dos cursos de Jornalismo). A diferença recai na riqueza e na inserção de princípios narrativos literários à concepção textual verbal, no multifacetamento do jornalista quando diante do objeto (fato ou fenômeno) e em sua consequente fluidez e profundidade como contador de histórias. Exemplos clássicos são as revistas *The New Yorker*, desde 1925 nos Estados Unidos, a *Revista Realidade* (1966-1976) e o *Jornal da Tarde* (1966-2012) no Brasil.

ascensão tanto nas ciências quanto em diversos outros campos do conhecimento contemporâneo, formando uma radicalmente nova concepção da realidade" (MARTINEZ, 2008, p. 31).

Depois dos anos 1960, por pouco mais de duas décadas, o Jornalismo Literário vivenciou uma espécie de período latente para começar a ser retomado por meio de estudos acadêmicos, como o de Normam Sims, de 1985, e o de Edvaldo Pereira Lima (1993).

Da construção de um campo à docência no Triângulo Mineiro

Considerando-se frases como “não me vejo como professor, mas como colega”, reiteradas por Edvaldo Pereira Lima, parece necessário retomar a experiência no Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da ECA-USP nos anos de 1990. Além dos professores já citados, os então alunos Alex Criado, hoje de mudança com a família para a Espanha, Ana Taís Martins Portanova Barros, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Raul Osório Vargas (Universidade de Antioquia, na Colômbia), compuseram aquele espaço de aprofundamento intelectual. “Em alguns momentos nossas reuniões sobre Jornalismo Literário extravasaram os muros da Universidade e passamos a nos encontrar em locais como a casa de alunos como Sílvia Rocha para debater autores e produções jornalísticas”.

O ano era 1997, Pereira Lima acabara de receber o convite da Diretoria Acadêmica da Universidade de Uberaba (Uniube), instituição privada, para coordenar o Curso de Jornalismo. “O Alex, a Ana, a Monica e o Raul já acumulavam experiência como pesquisadores para ingressarem na docência”, contou. Dessa forma, em 1998, já na Editora Escala, como editora na revista *Corpo a Corpo*, Monica abriu mão da contratação como jornalista para aceitar o convite e lecionar naquela cidade, em regime de 20 horas semanais, cumprido em dois dias.

Em entrevista por e-mail, concedida em 7 de maio de 2018, a professora Ana Thaís Portanova Barros explicou que conheceu Martinez em 1999, justamente por ocasião do replanejamento do Curso. “Ambas fomos chamadas a trabalhar justamente para conferir um direcionamento para o Jornalismo Literário Avançado, proposto por Edvaldo na sua tese”, explicou referindo-se à pesquisa *O livro reportagem como extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade*, orientada pelo professor Francisco Torquato entre 1984 e 1990, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP e lançada pela Editora da Unicamp em 1993.

Embora relativamente curta – Barros retornou ao Rio Grande do Sul para efetivar a pesquisa de campo do doutorado, intitulada *Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano* e orientada entre 2000 e 2003 pela professora Cremilda Celeste de Araújo Medina no mesmo Programa – a convivência com Martinez fora rememorada em uma frase que nos ajuda a posicioná-la no atual cenário da Comunicação nacional:

Considero que a atuação de Monica tem sido fundamental na formação de recursos humanos atuantes no Jornalismo Literário. Suas pesquisas aprofundando as técnicas de histórias de vida legadas à Comunicação pela Antropologia e estendendo a aplicação da Jornada do herói / escritor ao Jornalismo são notáveis (BARROS, 2018, s.p.).

Na Uniube, de janeiro de 1999 a junho de 2002, Martinez atuou como professora responsável pela implantação e coordenação do *Núcleo de Livro-Reportagem* do Laboratório Integrado de Narrativas Transdisciplinares (LINT), e ministrou as disciplinas *Livro-reportagem*, *Técnicas de reportagem*, *Entrevista e pesquisa jornalística*, *Edição*, *Laboratório de jornalismo impresso* e *Criatividade*, bem como orientou projetos experimentais de mídia impressa.

Sobre o assunto, em entrevista realizada por meio de mídia social de 10 de maio de 2018, o professor Alex Criado revelou também ter conhecido

Martinez quando da reestruturação do Curso. “Ela começou em fevereiro daquele ano [1999]. Eu comecei em maio, mas não dávamos aula nos mesmos dias. Portanto, nosso contato não era diário, mas trocávamos e-mails”. Devidamente ressaltada, a generosidade dela pode ser traduzida em dicas, sugestões, indicações de textos e, embora ambos estivessem começando como professores, “já dava para notar [nela] um traço que iria se aprofundar nos anos seguintes: a união entre a docente e a pesquisadora”.

De todos nós, ela foi a única que transformou o seu trabalho em sala de aula em material de pesquisa. Outro traço, que talvez fosse um talento natural, mas que depois ela iria desenvolver metodicamente com a Psicologia [Junguiana], era a aguda percepção dos alunos e de suas particularidades. E era muito querida por eles (CRIADO, 2018, s.p.).

Dividindo a mesma sala e o mesmo computador, Criado e Martinez revezavam-se durante a semana, já que não davam aulas nos mesmos dias.

E uma coisa de que me lembro é que a Monica tinha um monte de textos interessantes arquivados ali. Além disso, os programas de ensino dela apresentavam bibliografias inovadoras. Acho que ela nunca soube, mas aproveitei muito daquele material para o meu próprio desenvolvimento (CRIADO, 2018, s.p.).

Na mesma direção, parece aberto que o carinho e respeito por ambos os colegas é recíproco, haja vista que não é raro ouvi-la citando-os com alegria como possível fonte aos alunos e colegas, orientandos ou não, em reuniões, bancas de avaliação ou eventos científicos. Além de trabalharem juntos como professores da especialização em Jornalismo Literário Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) por uma década, essa relação frutificou em forma de publicações e outros postos de trabalho que viriam a ser ocupados (“a vida nos deu a grata oportunidade de nos encontrarmos em outros locais”, comentou Criado). Especificamente sobre as bancas:

A Monica, desde aquela época, nunca foi monotemática. Nunca ficava falando apenas da sua pesquisa. Podíamos passar horas conversando – como fizemos em uma viagem de ônibus – sobre todos os assuntos, íamos da família, aos projetos pessoais, da literatura ao trabalho docente. Ela sempre demonstrava um senso de humor atilado e inteligente (CRIADO, 2018, s.p.).

Essa experiência, concordam Monica e Alex, foi fundamental para fortalecer a vocação investigativa da jornalista e professora. A partir dali ela passou a dedicar-se em tempo integral à docência, tendo atuado como professora visitante da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) na disciplina *Linguagem, ética e imagem institucional*, ofertada como parte dos programas da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (Cogeae) daquela Instituição.

De janeiro de 2004 a meados de 2012, compôs o corpo docente do FIAM-FAAM Centro Universitário (FIAM-FAAM) nos cursos de graduação com disciplinas como *Jornalismo Literário e Cultural*, que ministrava com o professor Milton Bellintani, precocemente falecido em 2015. Monica explicou que essa disciplina foi uma das pioneiras a oferecer o Jornalismo Literário em nível de graduação no País. Já de 2005 a 2007, esteve à frente da Coordenadoria de Projetos Experimentais da Faculdade de Comunicação, onde fomentou a produção de livros-reportagem. Além da graduação, na entidade, ela integrava o corpo da pós-graduação *lato sensu* (aos quais recomendou Alex como docente).

Também em 2004, a partir de agosto, Martinez uniu-se ao corpo docente do Centro Universitário Sant'Anna (UniSant'Anna), a convite do professor Criado – então coordenador do Curso de Jornalismo –, no qual permaneceu até 2008 como professora das disciplinas de *Jornalismo comunitário e jornalismo*

especializado, Introdução ao Jornalismo e Laboratório de redação jornalística, e orientadora de projetos experimentais na modalidade livro-reportagem.

Monica pediu licença e depois demissão das instituições (FIAM-FAAM e UniSant'Anna) quando, em outubro de 2012, foi aprovada em concurso para a Universidade de Sorocaba (Uniso) como docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, no qual atua até o momento da redação deste perfil. Para seu ingresso na instituição, contou ser fundamental o incentivo de seu então marido, José Eugenio de Oliveira Menezes.

Ela contou que a oportunidade de fazer parte do corpo docente de um programa de pós-graduação foi um divisor de águas na sua vida devido ao apoio dos colegas e à oportunidade de se dedicar à pesquisa, o que faz de maneira apaixonada. Dos eventos, conta com especial carinho da primeira vez que participou da conferência da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS), realizada em Porto Alegre (RS) pelo professor brasileiro Juan Domingues, da PUC-RS; e do 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Comunicação da Uniso, quando o programa convidou como palestrante principal o professor John S. Bak, da Universidade de Lorraine (em Nancy, na França).

A partir dali uma série de iniciativas de pesquisa em nível internacional tem fomentado seus estudos na Uniso em nível de graduação, por meio de projetos de iniciação científica; e de pós-graduação, por meio das orientações de mestrado no âmbito da linha de pesquisa *Análise de processos e produtos midiáticos* e das aulas de disciplinas como *Narrativas jornalísticas e Jornalismo Literário*, que decorre da implantação da nova grade em 2018. É líder também do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami/Uniso/CNPq) com as professoras Míriam Cristina Carlos Silva e Tarcyanie Cajueiro.

União e apoio

Por e-mail, em 13 de abril de 2018, o diálogo com o professor Paulo Celso da Silva, que coordenou aquele Programa de 2012 a 2016, garantiu pistas de uma convivência sempre harmoniosa entre ambos, que costumam produzir pesquisas juntos⁷. Desde o seu ingresso na Uniso, “o extremo profissionalismo e a organização com que ela executa suas tarefas, funções” apresentaram-se como características marcantes. Para ele, a grande qualidade dos textos, palestras e organização de eventos, sobretudo os internacionais, são pontos que a destacam na Comunicação, “ao que podemos considerá-la como uma referência na subárea do Jornalismo Literário”.

Na mesma direção, o professor citou a atuação de Martinez em importantes associações da área, como a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em que ocupa, respectivamente, o cargo de presidente e de coordenadora do Grupo de Pesquisa em Teorias do Jornalismo.

Sobre o zelo às duas instituições, ela contou com carinho que participa da Intercom antes mesmo de o Grupo de Pesquisa em Teorias do Jornalismo ser fundado pelo Felipe Pena, da Universidade Federal Fluminense (UFF) (“um grande parceiro”; bem como sobre a primeira vez que participou da SBPJor, em 2008, na Umesp:

Nunca me esqueço, o presidente era Carlos Franciscato [da Universidade Federal de Sergipe (UFS)], que teve a maior paciência ao se sentar ao meu lado e explicar o histórico e a missão da entidade: pesquisa em Jornalismo. Foi ali que eu percebi que me via como uma

⁷ Essa é, aliás, prática intensificada naquele Programa e pode facilmente ser ratificada em uma rápida busca pelos nomes dos docentes na Internet.

pesquisadora, e isso foi fundamental para minha carreira (MARTINEZ, 2018, s.p.).

Retornando ao trabalho de orientação de mestrandos, Paulo Celso indicou que:

Assim como a maioria dos participantes da área, minha percepção é de que, certamente, o impacto [dela como orientadora] é grande e bastante positivo, tendo em vista a seriedade e honestidade que ela transmite aos seus orientandos. Não apenas nos dados teóricos, mas por meio de sua postura profissional e pessoal (DA SILVA, 2018, s.p.).

Você, leitora/leitor, pode estar pensando: “Ah! É fácil falar de uma colega quando também se é professor, certo?” Errado! E, para evitar parcialidades supérfluas, foi decidido entrevistar dois dos alunos dela, um já graduado mestre e a outra em formação para obtenção desse título. Perguntado sobre como conheceu o trabalho de Martinez, o bacharel em Administração Tadeu Rodrigues Luama, atualmente doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (Unip) – “emprestado”, como ela gosta de brincar –, revelou, em e-mail enviado em 20 de abril de 2018, que isso aconteceu quando do ingresso dele como mestrando na Uniso.

Enquanto escrevia meu pré-projeto, pesquisei superficialmente o corpo docente, e me interessei particularmente pela tese de doutorado dela, já que [Joseph] Campbell era um autor com o qual eu estava familiarizado e soava frutífero para a pesquisa vindoura. Contudo, meu projeto, num primeiro momento, ficou sob orientação de outro docente. Foi só com a investida dele rumo a diferente instituição que passei a ser orientado pela Monica (IUAMA, 2018, s.p.).

A liberdade para trilhar os próprios caminhos, conhecendo autores e escolhendo os que faziam sentido à pesquisa proposta foi fundamental para o enriquecimento teórico-metodológico, explicou. “Como boa tutora, [Martinez] sempre esteve por perto para esclarecer quando me encontrava em ‘becos sem

saída' teóricos, apontando possíveis (ênfase no plural) caminhos para que eu escolhesse qual preferiria trilhar".

Em 11 de abril de 2018, também por e-mail, a professora de Filosofia Vanessa Heidemann, mestranda em Comunicação e Cultura pela Uniso, contou que conheceu Martinez por intermédio de Luama, seu então orientando. Logo convidada a participar das reuniões da Roundtable da Granja Viana – SP da Fundação Joseph Campbell – que Monica coordena desde 2007 com o objetivo de "tentar compreender a perspectiva mítica no mundo contemporâneo e colaborar para o desenvolvimento de um mundo mais tolerante, humano, ecumênico, criativo, justo e sustentável⁸" – passou a vivenciar a vida acadêmica.

A professora Monica me acolheu desde o princípio. Atualmente sou sua orientanda, mas não imaginava que faria mestrado. Comecei a frequentar as reuniões da Fundação, pois narrativas míticas há muito tempo chamavam a minha atenção. Generosamente ela me convidou para frequentar suas aulas na Universidade de Sorocaba. Ela possui essa qualidade, está sempre apontando para portas, para possibilidades, que proporcionam crescimento acadêmico e pessoal (HEIDEMANN, 2018, s.p.).

Tal crescimento foi também contemplado na fala de Luama, uma vez que a ele se referiu como resultado de um processo formativo que lhe permitiu um pouco mais de confiança e que sustenta sua atuação como colega do Nami e parceiro em coautorias assinadas com Martinez.

Se hoje curso o doutorado é porque a Monica abriu as portas para eu conhecer o professor Jorge Miklos, meu atual orientador, logo nos primeiros meses da orientação. Aponto isso como epifenômeno de uma característica da orientação dela: abrir portas. Não apenas no âmbito teórico, mas auxiliando minha participação em uma rede de pesquisadores com a qual posso aprender e dialogar (IUAMA, 2018, s.p.).

⁸ Conforme consta no *blog* do Núcleo.

Sobre tal diálogo, Heidemann referiu-se argumentando em prol do desenvolvimento de um olhar sobre si e sobre o mundo ao redor a partir da convivência com Martinez, o qual acredita ser o pilar de sua vida profissional futura. Mais do que a rotina produtiva orientadora x orientanda, a pupila reiterou o empenho da mestra em prol daquilo que chama de versatilidade e interdisciplinarmente conferidas ao campo a partir de esforços para o incremento de projetos e busca por conversações com grupos distintos, dentro e fora do Brasil.

O resultado desse esforço se faz ver nos currículos de ambos os depoentes, em que é possível notar a influência de referenciais da Psicologia Junguiana e da Mitologia Comparada em simbiose com aqueles ditos da Comunicação e do Jornalismo Literário. Mais do que esses dados, porém, a expressão deles, marcadamente afetuosa sobre a mestra, denotaram um processo formativo acadêmico e mesmo pessoal um tanto quanto diferente daqueles sobre os quais temos tido notícias na academia⁹.

Sobre sua inserção na área, especialmente no Jornalismo Literário, ambos foram categóricos ao ressaltar o que indicam ser uma visão “complexificada” no trato dos objetos de pesquisa à luz de caminhos que lhes possam revelar “as estruturas profundas que, por vezes, movem os processos jornalísticos” (IUAMA, 2018, s.p.).

Penso que é relativamente fácil compreender a importância e a participação da professora no âmbito profissional/acadêmico no qual ela encontra-se inserida. Além do Lattes, eu destacaria suas características como ser humano. Monica Martinez estende a mão e dá oportunidade(S) para “jovens pesquisadores” (termo que ela costuma usar) para qualquer um que demonstre interesse. É sempre muito

⁹ Qualquer breve pesquisa na Internet tende a revelar números alarmantes de distúrbios psicológicos e doenças psiquiátricas – que culminam no crescimento de casos de suicídios e homicídios – a partir da experiência de estudantes e professores na pós-graduação.

generosa. Essa característica transcende a atuação profissional, pois está relacionada a quem ela é perante o outro (HEIDEMANN, 2018, s.p.).

Mas o que pensam colegas e antigos professores? Como as informações compartilhadas até esta seção podem fornecer pistas de que não se trata de um perfil “chapa branca”? Busca-se, então, as percepções de uma das principais parceiras de pesquisa de Martinez, a professora Cláudia Lago, e de uma das suas ex-professoras, Dulcilia Helena Schroeder Buitoni, conforme segue.

Natureza complexa e capilarizada

Depois de algumas tentativas de encontrar um horário na agenda da professora Cláudia Lago, do Departamento de Comunicação e Artes (CCA) e presidente da Comissão dos Direitos Humanos (CDH) da ECA-USP, optou-se pela tentativa via e-mail, que não deu certo. Quando do nosso novo encontro pessoalmente, os prazos para este dossiê estavam se esgotando, e sem pouco caso, ela nos puxou pelos braços e fomos USP adentro conversando entre suas aulas, uma na pós-graduação e outra na graduação.

Nos cerca de 20 minutos compartilhados em 25 de abril de 2018, na sua sala no prédio central da ECA, diversas foram as demandas que poderiam ter desviado sua atenção (e-mail, telefone, alunos etc.), o que não ocorreu. Para Lago, falar sobre Martinez é certamente um prazer, seja como parceira de produção, como gestora ou como amiga. “Diga o que você prefere”, riu enquanto tentava organizar os diversos documentos à mesa para que se pudesse trabalhar. Colegas desde o ingresso de ambas como alunas na pós-graduação uspiana, não se encontravam muito dado o fato de que eram orientadas por professores diferentes. Entre os anos de 1998 e 1999 se redescobriram, dessa vez como vizinhas. “Um dia eu estava em um clube e tinha

um mural com a foto dos novos associados, lá estava ela. O tempo passou e nós já não somos mais sócias do clube”, brincou.

A convivência, de fato, estreitou-se a partir da participação de ambas em eventos científicos tais quais os congressos anuais da SBPJor, desde 2003 – data de fundação da Sociedade – e ainda com os amigos em comum de instituições como a FIAM-FAAM. “Depois, prestamos concurso juntas aqui para a Escola, um certame em que nenhuma de nós foi selecionada, sendo ela aprovada em colocação melhor que a minha. Assim, dessas lidas da vida a gente passou a conviver”.

Especificamente sobre a SBPJor, Lago revelou que, após um tempo afastada da entidade, retornou como presidente, em 2013, momento em que Martinez já era próxima. “Na minha segunda gestão precisei de alguém hábil a assumir a Diretoria Científica e ela já participava do Conselho Administrativo, por afinidades fomos trabalhando juntas e ‘foi’ [dando certo]”, explicou, citando a internacionalização como característica de destaque na atuação dela. Nos congressos da *The International Association for Media and Communication Research* (IAMCR), por exemplo, a presença de ambas é comum, sendo que, por coincidência ou não, em 2014 acabaram dividindo o mesmo quarto na Índia, experiência divertidíssima segundo ela.

–A Monica é superengraçada e a gente se diverte bastante...

–Ela é engraçada?

–Sim, ela é muito séria, mas é dona de um senso de humor peculiar, acha graça em coisas que pessoas comuns não notam e, quando ela fala, todos percebem a piada pronta.

Para Lago – tanto quanto para Criado –, além desse humor pouco óbvio, a perseverança é uma das marcas que diferenciam Martinez e que caracterizam-na como ser humano leve e de fácil diálogo. “Quando ela pega, faz, tendo

sempre palavras boas para dizer dos outros e nunca coisas ruins”. Sobre as agendas (“cada vez mais horrorosas”), ela explicou que ambas possuem pontos de convergência no que toca à percepção do campo da Comunicação. Os esforços pela internacionalização são exemplos disso. “Não tem desculpa, se é para internacionalizar não podemos ficar esperando alguém nos dar uma bolsa, a gente vai e se vira, viaja com dinheiro do próprio bolso, aplica projetos para conseguir financiamento e sem nos render às dificuldades”, relatou.

Para ela, esse pragmatismo se reflete na gestão da própria SBPJor:

Da minha parte, uma das coisas mais importantes era ter uma boa equipe e poder dividir as tarefas. A Monica sempre foi extremamente parceira, tem uma visão boa de administração, sempre foi essencial, criou procedimentos que potencializaram nossas rotinas produtivas. Penso que ela continua assim, com a “toada” de assumir e delegar, inovar, o que é extremamente importante para facilitar a vida de todos (LAGO, 2018, s.p.).

Considerando que tal habilidade administrativa não é comumente trabalhada nos cursos de Jornalismo Brasil adentro, Lago citou o prazer pela pesquisa como ponto de condução a essa expertise no caso Martinez. “Se ela tiver que fazer um levantamento de dados para escrever um texto, uma conferência, vai ficar muito contente. Essa é a grande paixão dela, a curiosidade, o aprendizado, o desafio”, contou.

Particularmente sobre a percepção dos investimentos dela no Jornalismo Literário, o ponto de vista de Lago coadunou-se com os dos nossos demais depoentes no sentido de que o compromisso pelo trabalho bem feito é o que dita o ritmo de sua produção.

Por exemplo, ela cozinha muito bem – você sabia? –, por que ela gosta disso. No caso do Jornalismo Literário eu não tenho dúvidas do seu amor, haja vista que está se treinando – e efetivamente fazendo – para contribuir com o campo, sendo um expoente não só no Brasil,

pois logo ela será uma pesquisadora de referência internacional ainda mais acentuada... se já não é (LAGO, 2018, s.p.).

Afinco, cuidado, dedicação e gosto pelo original, por novas experiências são palavras grifadas e que conduziram os últimos minutos do diálogo com a professora Cláudia Lago, com destaque para a alusão à mistura de formas, cores, sabores, texturas e cheiros que enriquecem a culinária. “Cozinhar é fazer combinações e ver se as coisas funcionam, ela tem isso de ver se as pesquisas funcionam”, complementou em menção ao fazer científico contemporâneo sem se esquecer de citar a paixão pelas plantas.

Você sabe que ela é uma grande cultivadora, que adora [as plantas] e isso tem a ver com a generosidade com que ela vivencia o mundo. Aliás, tenho um “vasinho” de lavanda brasileira na minha casa que é quase uma árvore imensa, que chegou pequenininha e que já está cobrindo tudo. Meu marido quer o tempo inteiro podá-la por estar fazendo vista e eu digo “nãaaoo, tem que deixar do jeito que tá, eu ganhei, não poda” (LAGO, 2018, s.p.).

Sem podas também foi o diálogo com a professora Dulcilia Buitoni, formada na primeira turma de Jornalismo da Escola, em 1970. Dona de uma energia sem igual, ela conduziu uma rica narrativa sobre a história do Brasil, com ênfase na configuração de resistência da ECA-USP como atualmente é conhecida para, então, inserir os tempos de Martinez discente. “Alguns alunos se destacam e você se lembra deles pelo resto da vida”, sentenciou.

Naquela tarde atipicamente quente, 4 de maio de 2018, encontrava-se em uma cafeteria tradicional (e barulhenta) da Pompeia, em São Paulo, para dividir boas xícaras de café, chá gelado e água, bastante água. Foi combinado, em séries de e-mails trocados de 18 de abril a 2 de maio de 2018, uma hora de entrevista, o que, certamente, durou bem mais do que o dobro do tempo e que culminou em atrasos múltiplos. “Marcante” fora o adjetivo escolhido para definir a relação entre elas. Ministrando aulas na graduação desde 1972 e na

pós-graduação desde 1981, Buitoni afirmou terem se conhecido em sala de aula, em uma disciplina sobre revistas que ela ministrava.

Não é difícil imaginar que, tendo tutorado centenas de alunos (talvez mais, quem sabe?!) e orientado outros tantos em décadas de atuação, as semelhanças entre mestra e aprendiz definiriam mesmo os rumos daquela conversa em pleno 2018. “Sempre há aquela[e] que quer saber mais sobre bibliografia, que fica depois da aula para fazer perguntas, a Monica era assim”, explicou.

Na década de 1970 os efeitos dos anos de chumbo da ditadura ainda eram sensíveis e houve momentos na nossa história [da ECA-USP] em que pensar na parte acadêmica nem sempre era possível como gostaríamos¹⁰. Na metade dos anos de 1980, os grupos de pesquisa que começavam a se estruturar [embora ainda não com esse nome] ampliaram essa característica da Escola, a integração dos professores com os alunos. A Monica vem de uma geração de profissionais/estudantes, no mínimo, interessante, sobretudo quando consideramos a grande reforma curricular de 1993, que juntou ainda mais mercado e academia (BUITONI, 2018, s.p.).

E o que isso quer dizer? “Não consigo identificar atualmente lideranças entre os alunos como era possível àquela altura”, revelou. “Ela, especificamente, foge de uma lógica acadêmica produtivista já que quer sempre trabalhar em grupo, congregar”. Sobre como a relação se configurou a partir da vivência na USP, a professora Dulcilia confidenciou ser a reaproximação, dessa vez como colegas, resultado do lançamento do livro *Casa de Taipa* – organizado pelo professor e pesquisador Dimas Künsch como parte de um projeto do Grupo Tear, coordenado por ele (espécie de coletivo para a produção de narrativas) –, na Casa das Rosas, à Avenida Paulista (SP), em 2006. “Sabe aquelas pessoas que

¹⁰ Sobre o assunto ler mais em: <https://jornal.usp.br/artigos/eca-50-anos-o-olhar-de-uma-professora-da-decada-de-1970/> e <http://www2.eca.usp.br/memorias/pt-br/apresentacao>.

você gosta e que não vê há anos, que quando encontra parece que viu na semana passada? Então!”, riu.

Generosidade e inteligência igualmente foram palavras recorrentes no diálogo com Buitoni. Mais do que precisar datas, o encontro serviu para ratificar como é possível associar o fazer científico à vida cotidiana, em vez de descolá-los. “É preciso paixão e ela tem essa qualidade como pesquisadora, um excelente fruto da ECA-USP que eleva a missão de dividir o conhecimento a outros níveis”. Finalmente, sobre o impacto da atuação de Martinez no campo da Comunicação, Buitoni explicou – ainda que já tivesse perdido a hora – que:

Acompanho a produção dela há tempos. Essa vocação para o Jornalismo Literário está lá, desde o comecinho da sua trajetória. Progressivamente [Martinez] se engaja cada vez mais, se envolve, divide essa vontade de fazer pesquisa e vai realizando independente da atual “lógica Capes” [em que os estudos são avaliados, em grande parte, quantitativamente]. É uma das [pesquisadoras] que mais admiro e respeito sem essa de querer ser estrela (BUITONI, 2018, s.p.).

“Isso posto”, como ela costuma dizer, toma-se a liberdade de abordar na próxima seção a vivência familiar de Martinez no intuito de oferecer a você, leitora/leitor, uma visão ampliada – ainda que minimamente – dela.

Em família

Nesta seção, adota-se a liberdade de desviar da pretensa objetividade científica [e mesmo jornalística] já citada e que, usualmente, norteia empreitadas como esta. Recorrendo às palavras da professora Míriam Cristina Carlos Silva – quando da apreciação da primeira versão deste perfil, por mídia social, em 10 de maio de 2018 –, segundo a qual “esse afastamento é impossível”, buscou-se relacionar com ele (o afastamento requerido) considerando “a consciência de que a pesquisa necessita da relação EU-TU, o

que significa inserir a relação e o afeto, no sentido de que o pesquisador se deixa afetar”.

Afetados, pois, diante dos dados compartilhados até este ponto; e, retornando ao diálogo inicial com Martinez, a ideia de buscar “a vida pulsante por trás de cada perfilado” se faz perceber mais intensamente nos parágrafos que seguem.

Descendente de italianos da comuna de Brendola, província de Vicenza, na região de Vêneto, nordeste daquele país, os antepassados de Martinez fazem parte de um grupo de imigrantes que vieram ao Brasil em busca de melhores condições de vida. A ressignificação da autoestima familiar se deu com a formalização da dupla cidadania e consequente retomada de relações com aqueles familiares. “Somos uma família bem italiana mesmo, com temperamento muito forte, um porto seguro uns aos outros”.

O curioso é que, apesar desse autodeclarado temperamento, a calma na fala dela é característica que se manifesta no movimento das mãos e da cabeça durante os diálogos nas mais variadas instâncias e situações. Reflexo da formação em Psicologia Junguiana ou não, fato é que se desconhece situações nas quais a explosão de sons tipicamente italiana (e nem sempre gentil) se faça necessária quando o assunto é Monica Martinez.

Filha de quem considera uma grande leitora (a despeito da pouca instrução formal) e um “visionário” (que solidificou a unidade familiar com, literalmente, uma camisa sistematicamente lavada à noite para ser usada na manhã seguinte), Martinez atribuiu aos progenitores o lema de sua jornada: enxergar no impossível aquilo que é possível.

Considerando a máxima segundo a qual os filhos aprofundam o legado dos pais, não é de admirar que Monica seja a primeira dos seus a cursar uma graduação; a trabalhar “fora” (aqui devidamente registrada a admiração e o

respeito à força das trabalhadoras e trabalhadores do lar); a se casar, descasar, casar de novo; efetivar o mestrado, o doutorado (sendo até a redação deste a única detentora de tal título entre os Martinez), o pós-doutorado (sendo a primeira mulher a obter o título na Umesp, em 2008, sob supervisão do professor Sebastião Squirra), a descasar de novo... Perguntada sobre qual o seu segredo, ela foi categórica ao afirmar que “pessoas são obstáculos para si mesmas quando pensam que não podem”.

Entre as marcas verbais orais, as frases recorrentemente iniciadas com “é engraçado que” e finalizadas com “percebe?” só aumentaram, quando daquele encontro, o desejo de aprofundar a história dessa pesquisadora.

Criada como moleca na convivência com os irmãos, nunca foi “comportada”, como ela mesma brincou, “caía mesmo, me ralava inteira sem medo de viver”. Sobre ser a única menina entre eles, ressaltou o aprendizado precoce sobre a possibilidade do não sem, contudo, ceder a ele. “No começo foi difícil, mas aprendi a não me render”, declarou em alusão à frase atribuída ao líder britânico Winston Churchill (1874-1965).

De tudo o que fez na vida, o que ela descreveria como o melhor? Sem duvidar: a filha Laura. Tendo a narrativa como fio condutor se sua existência, Martinez referiu-se a ela não como um bebê que nunca vai crescer (como costumam fazer algumas mães a despeito das longas barbas que cresceram nos rostos dos filhos), mas a uma mulher forte formada na força das que a antecederam.

Filha única, Laura foi criada ouvindo histórias, inclusive aquelas relacionadas aos trabalhos desenvolvidos pela mãe. Educada a partir da Pedagogia Waldorf – em que o indivíduo é formado intelectual, física, artística e espiritualmente para exercer energias potenciais transformadores do mundo –

referiu-se à progenitora em meio a silêncios que disseram muito mais do que se poderia esperar em palavras.

Esse diálogo se deu a partir de inúmeras tentativas via mensagens tipo SMS, aplicativos de comunicação instantânea e mídias sociais, sendo o citado neste perfil aquele realizado em 5 de maio de 2018, um sábado, às 19h, por telefone. Entre as atividades de graduanda de Design Gráfico e Digital do Instituto Europeu de Design (IED), em São Paulo, e de estagiária (que ocupam sua agenda quase integralmente), revelou ter noção do impacto da atuação da mãe no campo da Comunicação a partir do que é dividido entre as duas.

“Sei que, para conseguir fazer o que ela faz, deve ser importante”, contou sobre a produtividade plural de Martinez. “O trabalho é enorme e eu entendo isso mesmo não sendo da área”. Antes mesmo das conexões mãe e filha, pesquisas, coautorias e esforços foram citados, além das conexões com outros países. “Atualmente ela tem falado bastante sobre a parceria de pesquisas com o John [S. Bak], com a Cláudia [Lago] e com a Samantha [Joyce, da Universidade Santa Clara, nos EUA], além de sempre se referir ao Edvaldo e a outros colegas da Uniso, como a Míriam e o Paulo”.

Questionada sobre como é a Monica mãe, Laura contou que a mesma objetividade e empenho empregados na rotina produtiva norteiam as atividades no lar. “Ela não mede esforços para alcançar objetivos: os estabelece e não para até alcança-los, é firme, e tem uma energia para cuidar que é invejável”, explicou sobre boa parte da própria infância em que fora criada de forma solo.

Acho engraçado colocar os pais no pedestal. [...] Ela sempre foi minha inspiração, a conheci como ser humano muito cedo e vivenciei o quanto ela precisava se reinventar sendo mãe e profissional. A minha visão da heroína com ela é diferente, sua disciplina me ensinou e continua ensinando muito e talvez por isso eu consiga enxergá-la em

seus defeitos e qualidades, além da “cortina do herói”. Meu ideal de mulher forte, que “segura as pontas” e encara desafios com otimismo, que me formou no diálogo aberto como via para resolução de conflitos (LUDUVIG. 2018, s.p.).

Mas, Laura, objetivamente quem é Monica Martinez?

Para começar eu diria uma ruiva, única como ela sempre foi na vida... Difícil essa pergunta, ela é muito versátil e eu sempre tive dificuldade para falar dela, sendo mãe, amiga, professora, pesquisadora ou jornalista. Sabe se virar, mesmo que de surpresa, não desiste, vai lá e enfrenta, uma grande mulher, decidida, que realiza estudos coerentes atrás de novos conhecimentos e aprendizados. Ela conhece um pouco de tudo e, como boa jornalista, pode falar sobre diversos assuntos. Adora viajar e conhecer outras culturas, aberta para ouvir e para conhecer o novo, seja em casa ou no trabalho (LUDUVIG. 2018, s.p.).

Culturalmente, Laura afirmou que Monica, além de eclética, é movida a desafios. Amorosa, compreensiva, carinhosa indistintamente são características que foram ressaltadas além, é claro, do cartesianismo para lidar, por exemplo, com os temperos (que estão organizados alfabeticamente na cozinha de casa), com as composteiras no fundo do quintal, e com as roupas a serem lavadas e passadas por ela em dias específicos da semana. “Ah, mas isso facilita a vida, né”, brincou.

Sobre as relações com pesquisadores de outros países e as comuns viagens ao exterior para visitas e eventos científicos, explicou serem decorrentes do quão plural a mãe é. “Quando eu era criança íamos a exposições de diversos artistas, especialmente do Renascimento. Além disso, ela sempre leu bastante sobre diversos assuntos”, revelou sobre a curiosidade sobre temas como a história do México, a formação da Índia, a culinária de cada país visitado e os haicais japoneses (“que ela tentou me ensinar, mas não conseguiu”).

Fã de literaturas variadas (das biografias às sagas filosóficas) – com destaque para *Z: a cidade perdida: a obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro*, de David Grann –, Martinez encontrou naquele

gênero textual a expressão poética de sua própria existência. Construídos em 17 sílabas, os microtextos abarcam oposições narrativas que se complementam em referência às energias da natureza como expressões justapostas do mundo. Membro do Grêmio Haicai Ipê de 2008 a 2014, desenvolve atividades voltadas à difusão da poética efêmera do cotidiano. E escreve haicais, sempre que possível.

De volta ao Jornalismo Literário

Martinez argumentou, naquela mesma noite de chás e chocolates, em prol da aceitação de que a existência individual é muito curta e que, justo por isso, prescinde, tanto quanto os haicais tradicionais, da profundidade e do frescor de relatos extraordinários sobre pessoas e coisas que “parecem” comuns. “Se já está no Google, por que contar de novo? É necessário narrar [a estória, ou história] de uma forma nunca antes narrada, cativar”, reiterou.

Para Martinez, o jornalista (literário ou “tradicional”) nada mais é que um grande curioso que se vê às voltas com o assombro, o encantamento de uma criança diante de um mundo a ser descoberto. Pelo Jornalismo Literário, com suas narrações aprofundadas que decorrem da precisa apuração dos dados, fatos e fenômenos, é possível conhecer o outro e se deixar conhecer por ele. Mais do que florear a tradução do mundo, é preciso transcender e transbordar as narrativas jornalística tradicionais (cerceadas pelos pretensos valores de objetividade e imparcialidade).

O Jornalismo Literário nunca vai ser hegemônico, está em constante mutação a partir de uma subjetividade tão grande que beira o insólito e em uma fronteira tênue entre realidade e ficção. Sua essência é não ter preconceitos, é permanecer em seu potencial transformador, capaz de para ampliar a percepção do mundo (MARTINEZ, 2018, s.p.).

Memória viva e alerta, Monica jamais será limitada às poucas palavras escolhidas para descrevê-la. Ainda assim, recorre-se às percepções de alguns

dos depoentes para tentar complementar esse perfil como que para tentar facilitar a sua tentativa de decodificá-la, leitora/leitor.

“Ela tem um verdadeiro amor pela pesquisa e quando se gosta do que se faz acabamos contaminando as pessoas” – Cláudia Lago sobre os orientandos de mestrado conduzidos ao doutorado por Martinez.

“Monica Martinez, com seu dinamismo e entusiasmo, tem como principal característica seu lado humano. Isso a fez buscar a Psicologia Junguiana como maneira de mais chegar-se às pessoas e compreende-las melhor” – Paulo Celso sobre a parceria na Uniso.

“Taurina no horóscopo vigente no ocidente, cavalo de fogo no horóscopo chinês; exímia cozinheira de bolos e pães; adora mexer com plantas. Talvez isso diga muito mais sobre a Monica do que o Lattes” – Tadeu Rodrigues sobre a complexidade desta empreitada.

“Talvez isso diga outras coisas que o Lattes não diz, mas a complexidade é de tal monta que [ess]a epígrafe só é capaz de dar luz a uma vaga – uma outra, das que o currículo não contempla – do oceano aparentemente estável, cristalino, mas de profundezas cheias de mistérios que, ao mesmo tempo em que convidam à descoberta, fazem desistir de uma sondagem que se queira total. Qualquer totalização aqui seria redutora. Ela é um organismo em mutação contínua, tecido na capacidade de surpreender” – Míriam Cristina sobre a os desafios de tentar objetivar a complexidade de Martinez.

“Nunca vai ser possível dizer em palavras o que ela é e o que ela representa”

Laura Luduvig (2018, s.p.).

Parcialidades (considerações e encaminhamentos)

Nesta seção tomei a liberdade de usar a primeira pessoa do singular e o presente do verbo para compartilhar algumas percepções sobre a experiência com a professora e amiga Monica Martinez. Longe de buscar a imparcialidade, a ideia é justamente tentar finalizar (será mesmo possível?) este texto com aquilo que considero importante compartilhar.

Em 2015 a vi pela primeira vez quando do exame de línguas para ingresso na Uniso. Naquele momento eu não havia lido sequer um de seus textos (nem mesmo os jornalísticos). O que me chamou atenção – além da echarpe em tons de vinho, companheira de diversas ocasiões – foi a gentileza com que respondeu a uma das candidatas ao mestrado que finalizara a prova de Inglês minutos antes. O tempo passou, o resultado da seleção foi publicado e, poucos dias depois, recebi um e-mail no qual a minha nova orientadora se apresentava em uma agradável mensagem de boas-vindas.

Ainda que viesse de outra experiência (nada agradável) em um mestrado no Norte do Brasil, certamente não estava preparado para tantos e diversificados aprendizados. Nossa primeira reunião de orientação durou o que hoje parecem ter sido horas. Naquela sessão de terapia algumas feridas foram compartilhadas e caminhos possíveis para curá-las delineados. Saí da sala sem o peso que carregava ao entrar e com a missão de escrever três artigos científicos sobre a configuração do fotojornalismo nacional. Encarei o desafio como oportunidade para deixar para trás o que passou e para me permitir (re)aprender a ler e a escrever o mundo.

Os três artigos viraram cinco, que viraram 11. Defendemos nossa dissertação em tempo recorde (pouco mais de 13 meses) e acumulamos histórias de companheirismo e respeito, de portas, portões, porteiros e portais abertos. Sabe aquela conta na mídia social que havia abandonado? Precisei

reavê-la a pedido da Monica para facilitar o compartilhamento de chamadas para publicações e eventos científicos. Assim o fiz e assim permanece. E sobre aquela professora incrível que só conhecia via livros e a quem acostumei chamar apenas de Buitoni? Fui devidamente apresentado a ela pela Monica, passei a integrar o seu grupo de pesquisa e tive a honra de tê-la em nosso exame de defesa.

Entendo que vida acadêmica não é fácil, de fato, mas se você puder contar com amigos como Martinez nenhum desafio será suficientemente assustador para fazê-la(o) desistir antes de tentar. Como exemplo disso, professores como a Míriam e o Paulo tornaram-se aliados importantes para a formação como pesquisador que agora se desenrola no doutorado; expressões como “humildade e alegria” incorporadas ao vocabulário; bem como conexões internacionais iniciadas (te vejo em breve, Índia). Mais do que uma orientadora tenho, desde 3 de março de 2015, aquela manhã de terça-feira ensolarada, a satisfação de não estar só quando a insegurança bate antes da apresentação de uma pesquisa em evento qualquer que seja (ou quando das visitas e consequentes despedidas no Maranhão).

Além da expertise para redação de textos técnicos, para adequada correspondência de referências citadas e listadas ou mesmo para desviar das insatisfações que insistem em tentar nos fazer parar (estejam elas dentro ou fora das academias da vida), acredito que mais pesquisadores podem se aprofundar em seus objetos de pesquisa, temas e problemas sem abrir mão da dimensão humana de suas formações, da imperfeição poética que é ser o que se é, a partir do diálogo com orientadoras e orientadores que realmente amem o que fazem, como no caso Martinez. Isso posto, me resta apenas desejar que você, leitora/leitor, tenha apreciado este perfil da mesma forma que apreciei gestá-lo.

Referências

- Entrevistas

BARROS, Ana Taís Martins Portanova: depoimento. [07 de maio de 2018]. Entrevista concedida por e-mail a Diogo Azoubel.

BUITONI, Dulcilia: depoimento. [04 de maio de 2018]. Entrevista concedida a Diogo Azoubel.

CRIADO, Alex: depoimento. [10 de maio de 2018]. Entrevista concedida por mídia social a Diogo Azoubel.

DA SILVA, Paulo Celso: depoimento. [13 de abril de 2018]. Entrevista concedida por e-mail a Diogo Azoubel.

IUAMA, Tadeu Rodrigues: depoimento. [20 de abril de 2018]. Entrevista concedida por e-mail a Diogo Azoubel.

HEIDEMANN, Vanessa: depoimento. [11 de abril de 2018]. Entrevista concedida por e-mail a Diogo Azoubel.

LAGO, Cláudia: depoimento. [25 de abril de 2018]. Entrevista concedida a Diogo Azoubel.

LUDOVIG, Laura: depoimento. [05 de janeiro de 2018]. Entrevista concedida por telefone a Diogo Azoubel.

MARTINEZ, Monica: depoimento. [19 de janeiro de 2018]. Entrevista concedida a Diogo Azoubel.

_____, Monica: depoimento. [12 de maio de 2018]. Entrevista concedida a Diogo Azoubel.

PEREIRA LIMA, Edvaldo: depoimento. [17 de abril de 2018]. Entrevista concedida a Diogo Azoubel.

SILVA, Míriam Cristina Carlos: depoimento. [10 de maio de 2018]. Entrevista concedida por mídia social a Diogo Azoubel.

- *Livros e capítulos*

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Série Jornalismo a rigor, Vo. 10. Florianópolis: Insular, 2016.

_____. **Jornalismo Literário**: revisão conceitual, história e novas perspectivas. In.: **Intercom** – RBCC. São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017.

- *Outros*

DEBATE: Jornalismo Literário em pauta. Disponível em: < <http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/programacao/ver-programacao.php?idprogramacao=787&iddata=3426> >. Acesso em 14 mai. 2018.

Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> >. Acesso em 20 abr. 2018.

ECA 50 anos: o olhar de uma professora da década de 1970. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/artigos/eca-50-anos-o-olhar-de-uma-professora-da-decada-de-1970/> >. Acesso em 10 mai. 2018.

NÚCLEO Granja Viana (São Paulo) da Fundação Joseph Campbell. Disponível em: < <http://fundacaojosephcampbell.blogspot.com.br/> >. Acesso em 01 mai. 2018.

PÓS-GRADUAÇÃO em Jornalismo Literário Fase II. Disponível em: < <http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao> >. Acesso em 05 mai. 2018.

PROJETO Memórias da ECA/USP: 50 anos. Disponível em: < <http://www2.eca.usp.br/memorias/pt-br/apresentacao> >. Acesso em 10 mai. 2018.

RANKING de universidades. Disponível em: < <http://ruf.folha.uol.com.br/2017/> >. Acesso em 01 mai. 2018.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n6p160>

SÍLVIA rocha por Sílvia Rocha. Disponível em: <
<http://silviarocha.com.br/autora/>>. Acesso em 01 mai. 2018.